

Mediação pela memória: ações culturais e educativas em Pontos de Memória¹

Mediation through memory: cultural and educational actions at Memory Points

Eliane Cristina de Freitas Rocha

Doutora em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

E-mail: prof.lili.rocha@gmail.com

Cristiane Calheiros Lei

Graduanda em Museologia; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

E-mail: cristianelei1969@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta ações realizadas em Pontos de Memória - instituições comunitárias de preservação da memória e patrimônio fomentadas por política pública cultural homônima brasileira. Tem como objetivo descrever ações comunitárias, culturais e educativas realizadas nestes pontos como resultado de processos de mediação em práticas sociais que incluem a memória social e sobrevivência das comunidades. Foi feita análise de conteúdo de publicações audiovisuais realizadas por Pontos de Memória pioneiros nos canais de YouTube e Instagram. Conclui-se que os Pontos de Memória pioneiros fazem ações comunitárias, culturais e educativas que se articulam em torno da memória comunitária, em ações de mediação cultural, mas elas não se resumem ao resgate da memória e do patrimônio, incluindo também práticas comunitárias ligadas à luta cotidiana por sobrevivência.

Palavras-chave: pontos de memória; mediação cultural; memória; práticas comunitárias; ação educativa.

Abstract

This article presents educational and cultural actions conducted at Memory Points—community institutions for memory and heritage preservation supported by a homonymous Brazilian cultural policy. It describes community, cultural, and educational actions accomplished at these Points as a result of mediation processes in social practices which include social memories and community survival. YouTube and Instagram publications made by pioneer Memory Points were examined by content analysis. In conclusion, these pioneering Memory Points conduct community, cultural, and educational actions articulated around community memories via cultural mediation actions that go beyond memory and heritage rescue, including community practices related to the daily struggle for survival.

Keywords: memory points; cultural mediation; memory; comunitary practices; educative action.

¹ Agradecemos ao CNPq pelo financiamento da pesquisa realizada.

1. Introdução

O trabalho com a memória é importante instrumento na construção e valorização identitária de grupos e comunidades (HALBWACHS, 2013). No processo de fazer valer seu direito à memória, diversos grupos sociais constroem práticas que podem ser mais ou menos institucionalizadas de preservação de seu patrimônio – seja de valor cultural, histórico, artístico, dentre as diversas noções de patrimônio. O princípio subjacente das práticas museais concebidas por comunidades e para comunidades exercerem seu direito à memória é tributário da noção de que o patrimônio comum do grupo precisa ser reconhecido e organizado por ele próprio. Há possibilidades de construção de arranjos mais institucionalizados para estas práticas, como os ecomuseus, museus integrais, museus comunitários, museus de território, museus regionais, centros de memória comunitários, pontos de memória, entre outros.

Uma das iniciativas de resgate das memórias de grupos e comunidades por eles mesmos, e que foi objeto de fomento pelo governo brasileiro, foi a dos Pontos de Memória, definidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) como

núcleos de iniciativa comunitária constituídos de forma autônoma em relação ao poder público, geridos de forma participativa pelas próprias comunidades, para a identificação, pesquisa e promoção de seu patrimônio material e imaterial, e que utilizam metodologias da museologia social visando ao reconhecimento e à valorização de sua memória coletiva (IBRAM, 2017, p. web).

A criação dos Pontos de Memória esteve ligada à implementação de políticas públicas intersetoriais brasileiras para a cultura - Programa Mais Cultura – e segurança – Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania – PRONASCI, no ano de 2009 (OEI, 2016; PEREIRA, 2020). Inicialmente, o Programa Pontos de Memória visava criar espaços de valorização da memória e do patrimônio - os Pontos de Memória - como estratégia para lidar com a violência dos territórios. O Programa Pontos de Memória convergiu com a proposta de valorização da cultura em seu sentido antropológico, do Programa Cultura Viva, outra política pública no campo da cultura do período de governo Lula-Dilma (PEREIRA, 2020). Quando do lançamento do Programa Pontos de Memória, algumas comunidades abrigaram pontos de memória pioneiros (OEI, 2016; PEREIRA, 2020): Museu de Favela - MUF (Rio de Janeiro, RJ); Beiru (Salvador, BA), Brasilândia (São Paulo, SP), Coque (Recife, PE), Estrutural (Brasília, DF), Grande Bom Jardim (Fortaleza, CE), Jacintinho (Maceió, AL), Lomba do Pinheiro (Porto Alegre, RS), Cantagalo-Pavão-Pavãozinho (Rio de Janeiro, RJ), Terra Firme

(Belém, PA), São Pedro (Vitória, ES), Sítio Cercado (Curitiba, PR) e comunidade do Taquaril (Belo Horizonte, MG).

A criação dos Pontos de Memória foi inicialmente atravessada pela perspectiva institucional do IBRAM, coordenador do Programa Pontos de Memória e realizador de diversas ações de capacitação, qualificação e apoio técnico, construindo, enfim, a proposta de uma metodologia para criação dos Pontos (OEI, 2016), além de contribuir para o fomento destas iniciativas, especialmente por meio de editais com prêmio em dinheiro, lançados nos anos de 2011, 2012 e 2014, e também por incluir os pontos na discussão de políticas do campo da museologia social, principalmente com a organização de eventos conhecidos como “Teias de Memória” e pela facilitação do trabalho em rede.

A relevância dos Pontos de Memória para se pensar políticas públicas para a cultura no campo museal é inegável (PEREIRA, 2020), mas algumas reflexões sobre estas iniciativas enquanto espaços para transformação da comunidade, mediadas por suas memórias coletivas, são necessárias, uma vez que pouco é conhecido sobre os resultados para as comunidades envolvidas. Pergunta-se, aqui: quais são as ações realizadas - ações comunitárias, educativas e culturais - mediados por suas memórias? E quais foram os resultados, muito além da proposta inicial de redução da violência dos territórios, alcançados por tais iniciativas? Objetiva-se conhecer as ações produzidas pelos Pontos Pioneiros de Memória e como foram realizadas, para se refletir sobre sua importância para a transformação comunitária. Para tal intento, apresenta-se a seguir, o referencial teórico que guiou o entendimento das ações de mediação elaboradas pelos Pontos, e, em sequência, detalhes da metodologia empregada para responder à questão de pesquisa, seguida de seus resultados.

2. Mediação cultural pela memória coletiva

A mediação é fenômeno complexo, por envolver processos grupais, sociais e culturais dificilmente compreensíveis quando não se lançam sobre eles as lentes das teorias sociais. Almeida (2007, s. p.) problematiza que, nas ciências sociais, a mediação está situada no âmbito das teorias da ação. Mediações são, nessa perspectiva, “as conexões que se estabelecem entre as ações sociais e as motivações (individuais/coletivas) (ALMEIDA, 2007, s. p.)”, destacando o agente humano (mediador) dos processos sociais. São diversas as possibilidades de realização

de ações - ações assistenciais, culturais, educativas, comunicativas - junto a indivíduos ou grupos, por meio da mediação de diversos agentes, sejam eles individuais ou coletivos.

As instituições museais habitualmente se colocam como agentes mediadores de ações culturais e educativas com vistas à preservação do patrimônio cultural das coletividades. Desta maneira, realizam trabalho de mediação, que, circunscrito ao trabalho com o patrimônio cultural, é tido como trabalho de mediação cultural. Ocorre que há diferentes formas de se realizar trabalhos de mediação cultural. Tanto Teixeira Coelho (1989) quanto Perrotti e Pieruccini (2008) visualizam três vias para esse trabalho mediador das instituições de cultura, partindo das matrizes culturais para os regimes de institucionalidade: 1) a via da preservação e conservação cultural, em que as instituições são depositárias de objetos da cultura material ou promovem ações de animação cultural para conservar aspectos da cultura imaterial, por exemplo; 2) pela via da difusão cultural, em que a ação educativa pode cumprir papel essencial, possibilitando que manifestações culturais sejam assimiladas e perpetuadas no tecido cultural, sem envolver processos de criação do novo; 3) pela via da facilitação ao processo de apropriação e criação cultural (fomento ao protagonismo cultural), sem antecipação de qualquer resultado, podendo resultar em produções culturais mais ou menos autênticas.

As categorias de mediação acima citadas podem ter como mote o trabalho com o patrimônio cultural impulsionado pela vontade de memória de determinada comunidade. A mediação cultural neste caso pode propiciar ações de preservação e conservação que envolvam tanto a salvaguarda da materialidade, tais como a formação de acervos coletivos através de inventários participativos, quanto da imaterialidade presente nos saberes e fazeres particulares de determinado grupo e ainda da oralidade resultante da coleta das histórias individuais e coletivas, onde a tradição acontece na relação dialética entre estrutura e prática social da dinâmica dos processos de memória. Todavia, nem todas as ações que acontecem nesses espaços comunitários estão relacionadas ao patrimônio cultural ou mesmo à memória. Muitas são as atividades de difusão que possuem o cerne mais educativo que cultural. Fato que se explica por ser os espaços de memória locais de educação não formal e cuja presença da ação educativa é tida como meio de ampliar a participação do sujeito na construção e na significação de conhecimentos e cidadania (MARANDINO, 2008).

Cabe ressaltar que a vontade de memória pode não ser despertada em comunidades com problemas e necessidades cotidianas urgentes que dificultam sua sobrevivência. Instituições museais que operam nestes ambientes, além de atuarem como mediadoras culturais, voltadas

ou não para o patrimônio cultural, também são importantes agentes na construção da própria comunidade, podendo realizar ações de mobilização social em torno de necessidades e problemas coletivos, as quais podem ser mais ou menos emancipadoras. O trabalho com a memória e os acontecimentos históricos da comunidade, por ela mesma, contribui para a ampliação da consciência da comunidade sobre si e seus problemas, e sua capacidade reflexiva, essenciais para o seu protagonismo político, conforme se pode entender da leitura de Ansara e Dantas (2010, p. 102):

O processo de ruptura do fatalismo é dialético e, por isso, implica a transformação das atitudes individuais e a mudança da organização social, o que se dá através da recuperação da memória histórica, da potencialização das virtudes populares e da organização coletiva.

A comunidade não se constrói apenas por estar circunscrita em um espaço, as “características de continuidade, intimidade e engajamento em crenças comuns estão presentes e reforçam a idéia de que tais atributos são constitutivos do espaço comunitário” (ANSARA; DANTAS, 2010, p. 103). No processo de se fazer, a comunidade realiza práticas comunitárias - sejam culturais, artísticas, políticas, esportivas, de entretenimento, de sobrevivência - no seio de suas próprias instituições - tais como em associações comunitárias - ou por movimentos de seus grupos e coletivos. As instituições comunitárias funcionam como mediadoras da comunidade diante do Estado, ajudando a encaminhar demandas que ajudem na solução de problemas ou para sanar suas necessidades. Os pontos de memória são organizações que podem atuar como mediadoras-catalizadoras das ações coletivas das comunidades que podem se voltar para a conservação, preservação e produção cultural ou para ajudar a sanar problemas ou necessidades que lhes são demandados pela comunidade. O trabalho de criação de uma horta coletiva, por exemplo, pode ser considerada uma ação comunitária, não cultural, que endereça um problema de sobrevivência, mas que pode vir a se tornar uma tradição de um grupo, com o passar dos anos. Há diversas ações comunitárias que estão além, portanto, de ações culturais e educativas, e que são importantes para a construção da coletividade.

3. Procedimentos metodológicos

O estudo empírico empregou a técnica de análise de conteúdo de fontes documentais, a saber: vídeos do YouTube e Instagram publicados pelos Pontos de Memória considerados pioneiros e que versassem sobre o processo de criação e desafios de gestão dos pontos, enumerados no quadro abaixo.

Quadro 1 – Registros audiovisuais analisados na pesquisa

Pontos representados	Participantes dos pontos de memória presentes no vídeo	Referência
Ponto de Memória do Jacintinho (AL), autointitulado “Museu Cultura Periférica”	Uma das líderes do Ponto	ESS_TEMMEMÓRIA (2021a)
Terra Firme (PA) Estrutural (DF) Lomba do Pinheiro (RS)	Sete representantes mulheres em papel de liderança e articulação dos Pontos	PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME (2021b)
Grande Bom Jardim (CE)	Três homens em papel de liderança e articulação do Ponto	ALMEIDA (2013)
Ponto de Memória Terra Firme (PA)	Três homens e duas mulheres participantes e articuladores do Ponto	PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME (2021a)
Ponto de Memória do Taquaril (MG)	Um líder do Ponto.	ESS_TEMMEMÓRIA (2021b)
Grande Bom Jardim (CE) Taquaril (MG) Beiru (BA) Terra Firme (PA)	Três homens e duas mulheres em papel de liderança e articulação dos Pontos.	PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME (2020)
Ponto de Memória da Estrutural (DF)	Uma mulher líder do Ponto	SABER MUSEU (2019)
Ponto de Memória da Estrutural (DF)	Uma mulher líder do Ponto	FERREIRA (2011)
Ponto de Memória da Estrutural (DF)	Uma mulher líder do Ponto	AGÊNCIA BRASÍLIA (2018)
Museu de Favela - MUF (RJ)	Um homem participante do Ponto	MUF (2019a)
Ponto de Memória São Pedro (ES)	Dois homens em papel de liderança do Ponto	TV CECAES (2010)
Museu de Favela - MUF (RJ)	Uma mulher participante do Ponto	MUF (2019b)
Museu Beira da Linha do Coque (PE)	Quatro homens em papel de articulação e liderança do Ponto	MUSEU DA BEIRA DA LINHA DO COQUE (2015)

Fonte: Dados da pesquisa. Nota: a maioria dos participantes presente nos registros audiovisuais teve papel protagonista e foi nominalmente citado na publicação do IBRAM sobre pontos de memória pioneiros (OEI, 2016).

4. Resultados

4.1. Ações comunitárias

Os pontos de memória não realizam apenas ações museais voltadas à preservação da memória e do patrimônio comunitário. Diante de diversos problemas vivenciados pelas comunidades onde atuam – violência, fome, falta de infraestrutura (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020, 2021b) – os pontos realizam ações comunitárias de naturezas distintas que envolvem desde a resolução de problemas de iluminação e esgoto como no caso do Ponto do Coque (MUSEU DA BEIRA LINHA DO COQUE, 2015), até a capacitação através de cursos de corte de cabelo e oficinas de artesanato, passando ainda por ações geradoras de renda como fábrica de velas, no caso de Beiru, e produção de alimentos, caso da horta comunitária no Lomba do Pinheiro. Ações que podem ser aprendidas com outros pontos, demonstrando a importância da formação de redes, e ainda da mobilização de uma grande parte da comunidade como explana a fala a seguir, literalmente transcrita para preservar sua espontaneidade, assim como todas neste artigo:

A gente tem uma horta comunitária que surgiu [...] do interesse a partir da minha ida a Belém do Pará. [...] O empreendimento é uma área que estava ociosa. Nós pedimos ela através do Orçamento Participativo junto com o Ponto de Memória, porque eu sempre levo o Ponto de Memória junto em todos os nossos empreendimentos. Hoje conseguimos essa área e fizemos a nossa horta comunitária. Hoje essa horta ela atende postos de saúde e escolas. O grupo de idosos pode ir ali e ficar. Pode ajudar a molhar uma planta ou a plantar, ou sei lá, pode interagir muito (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória de Lomba do Pinheiro, em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

Há ações com caráter assistencial, envolvendo a distribuição de cestas básicas para a comunidade (ESS_TEMMEMORIA, 2021a; MUF, 2019a), recebidas por doações, com registros no Museu de Favela e no Museu Cultura Periférica (Jacintinho-AL), especialmente no período da pandemia de COVID (ESS_TEMMEMORIA, 2021a). O trabalho assistencial não é visto como um fim em si mesmo e um dos participantes do Ponto de Memória de Beiru esclarece a importância das pessoas assistidas terem a consciência de que se trata de uma situação de ajuda temporária, para que elas não se sintam indignas (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

O trabalho comunitário é atravessado pelas dificuldades de sobrevivência. Diversos pontos (Estrutural; Grande Bom Jardim; Taquaril; Terra Firme; Beiru; Jacintinho) relatam que a falta de tempo para participação das pessoas, que trabalham e têm outras atividades cotidianas,

e a escassez de dinheiro para manutenção dos espaços e iniciativas dificultam a mobilização para as questões da memória e patrimônio (SABER MUSEU, 2019; PONTO DE MEMORIA TERRA FIRME, 2020; ESS_TEMMEMORIA, 2019a, 2019b). Também a visão sobre o que é um museu, tido como lugar para história distante desconectada do cotidiano, e sua utilidade, prejudica a mobilização (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020, ESS_TEMMEMORIA, 2019a): “mas pra quê eu quero um museu? é importante pra mim é a comida” (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória da Estrutural-DF em SABER MUSEU, 2019). Apoiar-se em iniciativas da comunidade, formar redes e parcerias que se articulam com o cotidiano comunitário parece ser importante para a sobrevivência dos pontos.

As lutas cotidianas das comunidades são objeto de ações de mobilização social. As demandas por habitação são o mote para a organização de ações reivindicatórias, como fechamento de pistas/ruas (ALMEIDA, 2013; SABER MUSEU, 2019; FERREIRA, 2011) e dizem respeito às memórias e histórias de ocupação dos territórios, como se notou nos Pontos de Memória da Estrutural, Jacintinho e Grande Bom Jardim. No caso do Ponto de Memória da Estrutural, a recuperação das lutas da comunidade intersectou as ações museais relativas à valorização da memória coletiva em torno da ocupação do território habitado que, inicialmente, não contava com boa infra-estrutura, e que acabou por ser alvo de especulação imobiliária. A história dos esforços coletivos por melhorias da qualidade de habitação e também pelo reconhecimento de propriedade originaram uma exposição denominada “Luta, resistência e conquista” conforme relata uma das líderes deste Ponto.

O Ponto de Memória é tomado como uma das formas de articulação comunitária, seja no caso do Bom Jardim, Terra Firme ou em São Pedro. Diversas pessoas envolvidas com os Pontos são também atuantes em outras ações comunitárias, participando, inclusive, de outras entidades ou organizações comunitárias. Os níveis de participação das pessoas nas ações comunitárias dependem do grau de compromisso e identificação que elas estabelecem com algum projeto, variando em três níveis: 1) assistência; 2) participação permanente; 3) participação orgânica (CRUZ; FREITAS; AMORETTI, 2010). Destes três níveis, é a participação orgânica que diz respeito à pessoa que assume um projeto como seu colocando-se ativamente em suas etapas de planejamento, implementação e avaliação. Em uma participação horizontalizada, democrática, a comunidade atua nos processos de gestão o que acaba por refletir na forma como os participantes interpretam o que é um Ponto de Memória:

Ponto de Memória ele é um grupo, uma entidade. Ele é um museu a fazer diferente dos demais. A gente na Terra Firme, a gente tem muitas entidades comunitárias, centro comunitário [...] Mas o Ponto de Memória tem a diferença, né. Cada conselheiro que nós temos, ele tem trabalho no bairro da Terra Firme e por ele ter trabalho e ser do ponto, isso favorece que o Ponto de Memória da Terra Firme sempre esteja em ações. E é assim, eu fui convidado para ser conselheiro. Eu tinha minhas ações na comunidade que eu moro. E aí vim, aceitei o convite. Gostei porque as nossas reuniões é democrática. As nossas ações é democrática. A gente não tem coisas de discriminação. Todos são nossos parceiros. Assim, o Ponto de Memória vem todos esses anos. Graças a Deus está cada vez avançando mais pelo nosso trabalho (Fala de um homem participante ativo do Ponto de Terra Firme em PONTO DE MEMORIA TERRA FIRME, 2021a).

A articulação comunitária, fortalecida pelos pontos de memória, pode resultar em ações de reivindicação de direitos junto ao poder público: “E que através deste movimento também no conselho popular, nós conseguimos chegar até o prefeito, os vereadores, qualquer um porque descobriu a nossa força do povo, então fazemos esse movimento” (Fala de uma das líderes do Ponto Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

Outras formas de participação, como apoios financeiros ou doações, e técnicos também são mencionados pelos Pontos, inclusive com universidades (MUF, 2019b). O envolvimento da comunidade com as ações do ponto é essencial para que se agreguem pessoas que possam participar, como aconteceu com a mobilização de crianças em escolas, no caso do Lomba do Pinheiro (PONTO DE MEMORIA TERRA FIRME, 2021b):

Quando foi a época da gente mapear a Lomba do Pinheiro todos vieram colaborar, contar suas histórias, trazer fotos e contar realmente. Eu fiz uma palestra na escola com os alunos, porque nós queríamos agregar todas as faixas etárias, e as crianças não sabiam o que é que tinha na comunidade. Não sabiam o que é que tinha no lugar que estava acolhendo eles, só sabiam da casa até a escola. Mas não sabiam a história do bairro, não sabem o que é que tem além do bairro (PONTO DE MEMORIA TERRA FIRME, 2021b).

4.2. Ações de difusão cultural ou educativas

Alguns pontos realizam cineclubes, tais como o Ponto de Memória Terra Firme (PONTO DE MEMORIA TERRA FIRME, 2021a) e o Museu de Favela (MUF) (MUF, 2019b). Bibliotecas aparecem citadas no caso da biblioteca itinerante do MUF (MUF, 2019a) e de duas bibliotecas no espaço do Beiru sobre os assuntos concernentes às temáticas do ponto.

Já no que diz respeito às ações de transmissão cultural, como um espaço de aprendizagem em espaço educativo não formal, destacam-se: 1) a realização de trilhas educativas - trilhas de visitação, para reconhecimento do território e suas histórias, mas também, da biodiversidade dos territórios, ecotrilhas, relatados nas experiências do Museu de Favela,

Ponto de Memória da Terra Firme e Lomba do Pinheiro (MUF, 2019b; PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020; 2021a); 2) realização de cursos com temáticas ambientais, como no caso do Ponto de Memória de Terra Firme (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020; 2021a) - aquaponia, piscicultura, educação ambiental, análise do pescado. A participação em eventos em universidades, para participação em palestras, cursos ou oficinas (como em roda de conversa de alimentação saudável) também faz parte das ações educativas dos pontos (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020). As ações educativas, especialmente as trilhas, são aliadas na consciência de preservação do patrimônio cultural, natural e histórico dos territórios, sendo também vistas como importantes não só para serem valorizados pelo público externo, mas, pela própria comunidade:

E com a vinda do Ponto de Memória nós começamos a trazer as pessoas junto [...]a rota que nós chamávamos de turismo, um tour pela Lomba do Pinheiro. Levávamos num ônibus da UFRGS, que é a faculdade aqui federal, e nesse dia levávamos as pessoas aqui da Lomba do Pinheiro e os que vinham visitar para conhecer, porque as pessoas precisam conhecer também o antagonismo da Lomba. Porque ela tem uma estrada, que todo mundo passa nessa estrada, mas não vê as dimensões além dela. E aí, nós levávamos as pessoas para conhecer e nós mesmos moradores começamos a conhecer que nós tínhamos uma pedreira. Nós tínhamos uma vinícola. Nós tínhamos uma escola de equitação. Então, muita coisa que eu mesma como moradora, eu não sabia que existia. E a partir desses itinerários é que a gente teve o conhecimento da grandeza do nosso espaço e de que quanto que a gente tem coisas aqui. (Falta de uma das líderes do Ponto de Memória de Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020).

São recorrentes exposições pelos pontos de memória. Várias delas contam a história e as memórias das regiões, em especial, de suas lutas: “Jardim das Memórias” – Grande Bom Jardim; “Luta, resistência e conquista” – Estrutural; “De tudo um pouco” – Terra Firme; Jacintinho (ESS_TEMMEMORIA, 2021). Muitas são realizadas em espaços abertos, de forma itinerante, como em praças públicas, feiras livres, outras em escolas (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021a; ESS_TEMMEMORIA, 2021a; ALMEIDA, 2013; MUF, 2019b). A realização da exposição nestes espaços é justificada para aumentar o alcance do público (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020). Alguns espaços de divulgação das exposições, como os universitários, são considerados prestigiados por vários pontos (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021a; MUF, 2019b).

Merecem destaque as exposições que retratam as lutas por moradia, por reconhecimento de direitos de ocupar os territórios, como relatam os Pontos de Memória da Estrutural (FERREIRA, 2011) e o Museu Cultura Periférica (ESS_TEMMEMORIA, 2021a). Também nos pontos do Coque e Grande Bom Jardim as questões relacionadas aos conflitos pelo direito à ocupação digna do espaço urbano estão presentes.

O Ponto de Memória ele vem fazer esse resgate, fazer a gente olhar para nossa história e resguardar isso, demonstrá-la. E aí nós fizemos uma exposição. Essa primeira exposição nossa a gente chamou de “Luta, resistência e Conquista”. Essa exposição retratava a nossa história de luta e isso deu tanto valor para o nosso povo, que quando a pessoa se via retratada naquela exposição ela dizia “meu Deus, eu não sabia que a minha história tinha valor.” “Olha o meu pai, olha a minha mãe”. “Olha quem fez isso, eu tava aqui nesse dia quando se fez a foto”. E nós fomos provando através do Ponto de Memória que nossa história simples de luta do dia a dia tem valor (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória da Estrutural, em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020).

O Museu de Favela (MUF, 2019b) relata ter colhido depoimentos de moradores e histórias do bairro para transmitir o saber dos mais velhos aos mais jovens, como uma tentativa de reduzir a violência armada. As exposições são itinerantes e em três edições: despertar de almas e sonhos; velhos ilustres e mulheres guerreiras. Também o Ponto de Memória da Estrutural realizou exposição sobre os movimentos das mulheres da comunidade, embora não tenha sido fácil mobilizá-las para a realização da ação (SABER MUSEU, 2019).

A realização de seminários, simpósios, rodas de conversa sobre a memória ou sobre a iniciativa dos pontos de memória também pode ser destacada, especialmente pelo Ponto de Memória de Terra Firme (2021a). Uma destas iniciativas reuniu os pontos de memória pioneiros para celebrar os 10 anos dos pontos de memória durante a pandemia (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020; 2021b). O Ponto de Memória Terra Firme descreve uma destas iniciativas, o Memorarte: “é uma roda de conversa com os escritores paraenses e na verdade agora nós colocamos esse nome para envolver tanto a arquitetura amazônica, os escritores [...], os pioneiros dos Pontos de Memória” (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020). Outros eventos de compartilhamento de saberes são citados:

Eu acho que é isso. Agora nós [...] estamos reabrindo o Ponto de Memória. Começamos fazendo quatro lives O Que é Memória e Identidade. A nossa primeira live foi os dirigentes, que fui eu e mais os dirigentes da Ilha da Pintada e outros contando a nossa história. Depois nós fizemos na semana passada da Sustentabilidade e também falamos sobre a horta e sobre as pessoas que são catadores de lixo (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

Outra ação relatada foi um cortejo cultural, pelo Ponto de Memória de Terra Firme.

4.3.2. Ações de produção cultural

O processo de formação de coleções e acervo dos pontos de memória, de acordo com a metodologia proposta pelo IBRAM, prevê a realização de inventário participativo. Esta metodologia se encontra sistematizada e disseminada em publicações tal como em manuais para recolha de Inventário Participativo (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011) e também em ações formativas, tais como cursos para realização de inventários promovidos pelo IBRAM.

Cabe destacar que houve inventários participativos no Museu de Periferia (Jacintinho), Ponto de Memória de Terra Firme, Estrutural, Lomba do Pinheiro e Grande Bom Jardim (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021a; ALMEIDA, 2013). No caso do Ponto de Terra Firme, os moradores decidiram coletar histórias de vida que levaram à produção de um vídeo sobre o bairro, processo que consumiu cerca de 3 a 4 meses. Já no caso de Grande Bom Jardim, a metodologia do inventário participativo levou à inventariação de bens culturais de maneira mais ampla, aqui relatada em transcrição literal:

E aí tínhamos como principal desafio, a realização de um inventário do patrimônio cultural do Grande Bom Jardim. E aí nós fizemos a seleção de dez moradores do território para assumir essa tarefa. E aí, nós selecionamos dois moradores por bairro. [...] Em janeiro deste ano, nós somos escolhidos dez pesquisadores para começar exatamente um métier de pesquisa. Ir a campo, coletar dados, sistematizar informações, mensurar detalhes, enfim, traçamos um panorama de cada bairro. Tentar fazer encontros. Encontrar soluções comuns, enfim ver algumas distinções, e também algumas similitudes no sentido que a gente queria ver o que unifica o Grande Bom Jardim, o que o torna o uniforme no contexto da cidade, mas o que há de peculiar e o que há singular em cada um desses bairros e o mais interesse de tudo isso, o que há singular em cada habitante, em cada morador do bairro Bom Jardim. Então, a gente se balizou pelas categorias do Ministério da Cultura de registro de bens culturais imateriais, não é. A gente queria registrar resistências, celebrações, edificações. (ALMEIDA, 2013).

A formação coletiva de acervos para resgate da memória e do patrimônio dos grupos cumpre papel relevante e inegável enquanto ação comunitária conscientizadora para os grupos refletirem sobre si e se engajarem em suas lutas. Já as atividades de extroversão de acervos, expositivas, tais como as que envolvem intervenções no espaço urbano, apresentam-se como canal para o grupo colocar suas pautas reivindicatórias no espaço público e político. Um dos exemplos de como o trabalho expositivo pode se tornar um mecanismo de luta social é apresentado pelo Museu Cultura Periférica (Jacintinho):

A gente cria as exposições sempre com interesse de suscitar uma reflexão, um exemplo é uma exposição da vila de pescadores, que na época ela tava sofrendo ação de despejo por parte da Prefeitura, e a vila de pescadores faz parte do museu. E aí a gente fez o seguinte: a prefeitura conseguiu escutar várias famílias, e na época tinham ficado 56 famílias resistindo. A gente pegou 56 garrafas em São Gonçalo, centro da cidade, montamos novamente uma banca de feira no centro da cidade, dentro de cada garrafa simbolizava uma família, dentro de cada garrafa havia um texto falando sobre a trajetória da vila de pescadores, tem mais de 100 anos ali, com a comunidade tradicional de pesca. Havia fotos dentro de cada garrafa, de momentos diferentes da vila de pescadores (ESS_TEMMEMORIA, 2021a).

O trabalho da memória social realizado nos Pontos de Memória deve ter sua importância entendida sob duas óticas: como um marco territorial do resgate histórico da construção coletiva para promoção da autoestima da comunidade e como juiz do valor da contribuição individual de cada morador.

Como o Terreiro tem uma história ancestral muito rica, então nós temos todo esse acervo da história guardado aqui para ser visitado. Para as pessoas chegarem para conhecerem, para saber quem foi Joãozinho da Gomeia e quem foi Mirinha do Portão. O que eles contribuíram para a nossa comunidade? Qual foi a forma de luta que eles deixaram de herança? (Líder do Ponto de Memória Museu do Beiru em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

No entanto, além das ações de produção cultural patrimonial, no que diz respeito às ações de mediação cultural que promovem a criação artística e cultural autônoma das comunidades, o Museu Cultura Periférica (Jacintinho) ajuda na promoção de eventos – tal como Mirante Cultural do Quilombo - reunindo grupos de artistas locais.

4.4. Transformações comunitárias pela memória

A repercussão na mídia também é vista como positiva, caso que foi comentado no evento de inauguração do Ponto de Memória do Bom Jardim (ALMEIDA, 2013). Poder narrar a própria história e reconhecer a diversidade da cultura e do território é transformador. Em alguns pontos, como o da Grande Bom Jardim, bem como o de Beiru, conviver e entender a diversidade religiosa como parte da história das comunidades é desafiador e edificante, também transcrito conforme a fala dos depoentes:

esses achados a gente tentou identificar em cada história, tecer uma narrativa que tentasse reportar ao mundo a nossa visão de mundo e a gente se sente privilegiado, né. Eu digo, não somos os mesmos, porque não é mais possível. Porque quando eu sentava para conversar com um pai-de-santo toda a minha carga de construção de um mundo sobre o que é Umbanda, ela ia se desconstruindo e eu dizia a começar pelo nome, o que é macumba? Macumba é um instrumento, não é nada disso que você está pensando. A nossa religião é isso, e ela se constrói dessa forma. Eu entendia, entendendo como essa religião africana também é católica (Fala de líder do Grande Bom Jardim; ALMEIDA, 2013).

E o Ponto de Memória, ele é uma coisa tão simples e ao mesmo tempo ele é tão rico e tão grandioso. Porque ele reuniu uma diversidade imensa de pessoas. Olha nós tivemos Hugues Varrine, lá da França envolvido conosco nos Pontos de Memória da Lomba do Pinheiro. Nós tivemos um trabalho através do Ponto de Memória e também porque dei o meu olhar, ele despertou outras pessoas (Fala de líder de Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

meu avô, meu avô foi contemplado nessa entrevista do museu. Ele tem 92 anos e ele veio para cá do interior. Ele é de Palmares. Ele contribui também um pouquinho nessa história do Coque (MUSEU DA BEIRA LINHA DO COQUE, 2015).

Tanto o Ponto de Memória Estrutural quanto o Coque relataram problemas de ocupação do território, com necessidade de fazerem reconhecer seus direitos pelo território (MUSEU DA BEIRA LINHA DO COQUE, 2015; SABER MUSEU, 2019).

Então, tinha trabalhadores, tinha renda, tinha história vivida, tinha história de luta, mas esta história não era reconhecida nem viabilizada. Quando a gente começou a mostrar, dar visibilidade a nossa luta, nós fomos mostrando como a memória é importante. Como nós somos sujeitos de direito. Direito tanto, direitos públicos, quanto humanos. Direitos de viver, de ter casas boas para morar, de estar perto do centro do poder (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória da Estrutural em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

[...] nós conseguimos que o Estado urbanizasse, então, não fez na cidade toda, mas asfaltou, canalizou água, escolas, porque a gente não tinha nada de escola, e por último, em 2008, nosso nome saiu no diário oficial como nós fôssemos agora os donos daquele lugar, daquele lote, então saiu oito mil pessoas no diário oficial (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória da Estrutural em SABER MUSEU, 2019).

Veja bem, o que me trouxe aqui é a admiração que eu já tinha pelo trabalho do Ponto de Cultura, quando, porque, no passado eu vivi muito ocupado. Toda a minha vida aqui, eu só vivi para trabalhar, vivi de trabalho. Então, graças a Deus! E assistindo sempre alguém saindo daqui, sendo expulso daqui. De repente eu senti na minha pele que eu estava sendo expulso. Foi quando me trouxe uma revolta e eu busquei esse grupo aqui, liderado por Rildo e tomou esse apoio onde a gente teve uma resposta depois de muito trabalho, muitas luta, a gente teve uma resposta (Participante do Museu do Coque, em MUSEU DA BEIRA LINHA DO COQUE, 2015).

Os pontos, especialmente os mais articulados com outras entidades e redes nos territórios, contribuem para a mobilização social, inclusive com reivindicações junto ao poder público (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b), ou organização de ações como hortas comunitárias, oficinas, ações sociais voluntárias (ações assistenciais com haitianos, no caso de Lomba do Pinheiro, por exemplo) (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b):

O impacto, para parecer mais objetivo os impactos, ao longo de todos esses anos é no nosso território, eles são evidentes e substanciais quando se trata da incidência do ponto de memória do Grande Bom Jardim na sua articulação com o território e notadamente com os moradores e as rodas de conversa que facilitarão muito essa articulação e também essa aproximação que chegou no nível de acolhimento, de acolhida, eu observo toda essa experiência como um oásis assim no meio daquilo que a gente já enfrenta no nosso cotidiano, né?! (Fala de um dos líderes do Ponto de Memória de Grande Bom Jardim em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020).

A luta por melhorias na urbanização dos territórios é uma das mais retratadas pelo Ponto de Memória da Estrutural (SABER MUSEU, 2019). Mas a demanda pode se estender ao reconhecimento da importância de se transformar, inclusive, os adjetivos e o nome das comunidades, muitos deles carregados de estigmas, e também a estratégia de requisição de seus direitos, como acontece no caso do Ponto de Memória do Grande Bom Jardim:

A [...] comunidade do Mela Mela, ela simplesmente tentou, por uma estratégia mística mudar a sua realidade social [...] entenderam que era necessário junto mudar também o nome. No sentido de que a gente tem é diferente, não pode ser mais Mela Mela. E também [...] não dá mais só para gente bater panela. Simplesmente chegar a um órgão público e tentar quebrar tudo. Vamos nos organizar juridicamente? Vamos fazer nossa organização social? Vamos ter voz e respaldo legítimo para requerer como sociedade civil organizada (Fala de participante do Ponto de Memória Grande Bom Jardim em ALMEIDA, 2013).

Colocar as pessoas como protagonistas da própria história e fazer com que elas reconheçam o seu valor e reivindiquem seus direitos é um grande resultado das ações dos pontos de memória. O envolvimento pessoal com algumas ações é motivo de orgulho, como a atuação do neto de uma participante do Ponto de Memória do Terra Firme, e também de outra ação como da coleta do relato de história oral do avô de um dos atuantes no museu do Coque (MUSEU DA BEIRA LINHA DO COQUE, 2015; PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021a). A valorização identitária dada pelo reconhecimento do outro é relatada por vários participantes:

Era muito interessante porque depois eu levava o jornal de volta e a família passava ver aquele morador com outro olhar, porque às vezes você tem seu pai e seus avós falando sobre passado, e você não aguenta mais ouvir isso. E aí, quando você descobre que a história do seu avô, a história de seu pai, ela é tão interessante que tá no jornal, você vai ter o seu olhar sobre a trajetória daquela pessoa e então isso tinha um impacto muito positivo na autoestima dos entrevistados. Isso para mim era muito interessante, como essas senhoras e senhores ficavam felizes quando a gente convidava eles para o chá de memória. Eles iam com muito prazer, que é também uma outra metodologia que a gente faz (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória do Jacintinho em ESS_TEMMEMORIA, 2021a).

Muitas pessoas que não sabia que a vida delas era interessante, que acha que tinha uma vida medíocre, assim a vida é um pouco medíocre mesmo, mas ela falava se sentia importante quando viu o nome dela na exposição, falava, ficava se sentindo gente em ver seu nome exposto, ver sua foto exposta (Fala de uma das líderes do Ponto de Memória da Estrutural em SABER MUSEU, 2019).

O trabalho ajuda as pessoas a se reconhecerem enquanto sujeitos tecendo suas narrativas biográficas em conjunto com a recomposição da história e do valor de sua identidade, tanto no reconhecimento da diferença entre as religiosidades dentro do território, como aparece no caso de Bom Jardim e Beiru, quanto na sua própria questão identitária como podemos perceber no depoimento abaixo:

E que essas relações que no bairro da Terra Firme me levaram também a me entender e me reconhecer como a mulher periférica, amazônica, preta, né, porque eu também vim do bairro do Guamá. E o bairro do Guamá é vizinho do bairro da Terra Firme. E depois quando eu vou estudar e trabalhar no bairro como consultora do Ponto da Terra Firme [...] conversando sobre o bairro, minha avó começou e os meus tios também começaram a relatar as idas deles ao bairro da Terra Firme para tomar banho no Rio Tucunduba. Então assim, são muitas as memórias e com esse trabalho me levou a me reconhecer também como, mulher, e como pesquisadora (Fala de uma das participantes do Terra Firme em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020).

A possibilidade de envolvimento das pessoas com algo que está além de suas vidas cotidianas, conhecendo a história do território é muito positivo, pois ajuda a preservar o patrimônio:

Para mim era tudo novo e conhecer a história de várias localidades, de vários Pontos de Memória, conhecer um pouco do bairro, do meu bairro onde eu moro. E foi muito legal assim, porque a gente, geralmente, a gente não valoriza o que a gente tem, né. Então dá feita que eu conheci o meu bairro, que conheci as outras as coisas, então, eu dei mais valor (Participante do Ponto de Memória de Terra Firme em PONTO DE MEMÓRIA DA TERRA FIRME, 2021a).

Também é destacado, especialmente no caso do Lomba do Pinheiro, o prazer pessoal em ajudar quem precisa e transcender a realidade cotidiana. Contar a história valoriza a identidade dos grupos: “depois que a gente conseguiu dar visibilidade aos Pontos de Memória foi quebrado esse estigma. A gente entendeu o valor que tem a nossa história. Como é bom a gente poder contar a nossa história. Essa história pode ser ouvida por outras” (Fala de uma das líderes de Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

Valorizar as tradições e as origens culturais ajuda no processo de construção e valorização da identidade:

[...] acho que é isso que leva o memorial a perceber uma diretriz, um caminho, entendeu. Acho muito interessante, muito importante você olhar para você e saber quem sou eu e de onde eu vim. As pessoas falam muito em relação ao Brasil, mas ninguém se dá ao Brasil, entendeu. [...] Precisamos valorizar isso. É preciso mostrar as pessoas, claro que isso não é todo mundo. Mas as pessoas que podem, têm essa condição, elas têm que ajudar aos nossos irmãos a saber quem eles são e o que é que eles podem fazer para a nossa terra, por nós. Porque enriquece, o que enriquece uma cultura é a defesa que você faz dela. Não precisa ser bairrista. Basta procurar conservar a história daquela terra, que é a terra aqui te abriga (Fala de uma das líderes de Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

As conexões do território com outros atores são valorizadas e são instrumento de valorização e fortalecimento das ações. A ação dos pontos é tida como positiva na direção de preocupação com a juventude e diminuição da violência nos territórios. A questão da violência não é tida como determinante para a construção identitária pelos grupos constituintes dos pontos, e a possibilidade de abertura para intercâmbio de experiência com outros pontos, em

eventos que eram promovidos pelo IBRAM, como as Teias de Memória, são citados como um ponto de inflexão na história de vida dos participantes (ALMEIDA, 2013).

As possibilidades de viajar para conhecer outros pontos e lugares é algo transformador para os participantes dos pontos de memória (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020 2021a). Alguns agentes dos pontos de memória estenderam suas ações e atuações a respeito dos pontos de memória para a academia, realizando trabalhos de conclusão de curso de graduação, mestrado e doutorado sobre os pontos (PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2020; ESS_TEMMEMORIA, 2021b).

Ouvir as histórias dos participantes propõe uma experiência de abertura ao outro que é transformadora:

Esse feito, em cada um de nós o pesquisador, ele é aquilo que a gente chama de divisor de águas. É meio que a gente realmente se transforma, sabe? Não é como o discurso de alguém que participa do Big Brother diz que nunca mais sua vida será a mesma, não é por aí. Eu acho que de fato a nossa vida nunca mais vai ser a mesma, mas por uma questão de humanização que cada vez eu chegava na casa de um entrevistado e que eu via quão prazeroso era (Um dos líderes de Grande Bom Jardim, ALMEIDA, 2013).

A ampliação dos horizontes dos participantes é um ganho percebido ao se colaborar com os pontos de memória:

assim, eu era bem acomodada. Eu era dona de casa, tinha desistido de profissão, vivia cuidando só da casa e dos filhos. E nesse dia eu me desacomodei e resolvi que eu ia assumir o Ponto de Memória [...]. E eu resolvi assumir o Ponto de Memória, a associação e a escola tudo ao mesmo tempo. E foi uma das melhores coisas que eu fiz junto com essas pessoas (Fala de uma das líderes do Ponto Lomba do Pinheiro em PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME, 2021b).

5. Considerações finais

O conceito de mediação em espaços populares pode envolver diretamente ações de reconhecimento, conservação e preservação do patrimônio cultural, bem como a sua difusão. Destacam-se, nas ações de reconhecimento do patrimônio, algumas estratégias de mobilização comunitária para olhar a trajetória e história dos grupos em suas lutas. Nesta direção, algumas comunidades conseguiram ser mais bem-sucedidas em formas de participação orgânica para mobilizarem as pessoas na construção de inventários participativos, por exemplo no Grande Bom Jardim e em Terra Firme. Outras, conseguiram valorizar seus territórios pelo envolvimento de pessoas da comunidade sensíveis à memória, e como apoio de atores institucionais importantes, tais como universidades e o próprio IBRAM, o que possibilitou a continuidade das ações, em uma forma de participação permanente para manutenção do espaço. Já outras comunidades foram atravessadas por disputas internas, pela falta de recursos financeiros, e pelo abandono da política pública que ajudava a sustentar os espaços. Neste último caso, talvez se possa dizer da necessidade de um tipo de participação assistencial para sobrevivência da iniciativa, com provimento de recursos que não são facilmente obtidos apenas pela mobilização comunitária, pois outras prioridades que não da preservação da memória são tidas como mais urgentes.

Além das ações de mediação para o patrimônio cultural — sejam menos participativas ou mais participativas — para a salvaguarda da materialidade e dos saberes e fazeres de uma comunidade — ações de cerne educativo e cultural, relacionadas ou não à difusão deste patrimônio cultural, são mais presentes nos relatos analisados. As ações educativas envolvem atividades de difusão ou transmissão de conhecimentos, tais como propostas de percurso no território, algumas delas voltadas para escolas, o que ressalta seu caráter pedagógico. Outras ações já envolvem a produção cultural, tais como a realização de documentários, e eventos artístico-culturais.

Muitas vezes as necessidades cotidianas de sobrevivência e lazer pungentes atravessam o desejo de memória. Todas as mediações citadas são de relevante importância, no sentido de promoverem a mobilização coletiva, com aprofundamento da consciência de si, de escape da alienação, contribuindo para o sujeito se ver como um sujeito de direitos. Também é de se destacar o papel positivo dos pontos na construção da identidade dos participantes, ressignificando de maneira positiva a sua relação com os territórios habitados.

Referências

- AGÊNCIA BRASÍLIA. **Maria Abadia**: coordenadora do Ponto de Memória da Estrutural. Agência Brasília. 22 jan. 2018. [Vídeo, 3 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X7p-YMKxpeo&ab_channel=Ag%C3%AanciaBras%C3%ADlia. Acesso em fev. 2021.
- ALMEIDA, A. **Inauguração**: Ponto de Memória Grande Bom Jardim: programa pontos de memória IBRAM. 4 nov. 2013. [Vídeo, 39 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-AvQrZ1eC-4&ab_channel=AdrianoAlmeida. Acesso em jan. 2021.
- ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Brasília: ANCIB, 2007.
- ANSARA, S.; DANTAS, B. S. A. Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 22, n. 1, p. 95-103, 2010.
- COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos, 216)
- CRUZ, Lilian, R.; FREITAS, Maria F. Q.; AMORETTI, Julina. Breve história e alguns desafios da psicologia social comunitária. *In*: SARRIERA, Jorge C.; SAFORCADA, Henrique T. **Introdução à psicologia comunitária**: bases teóricas e metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- ESS_TEMMEMÓRIA. **Live Ponto de Memória do Jacintinho**. 22 jan. 2021a. [Vídeo, 59 min]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKXII dcn-Z />. Acesso em: fev. 2021.
- ESS_TEMMEMÓRIA. **Live Ponto de Memória do Taquaril**. [Vídeo, 82 min]. 20 jan. 2021. 20 jan. 2021b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKSCJfJH7Su/ e> https://www.instagram.com/p/CKR_PVvH4f3/. [Vídeo 82 min]. Acesso em: fev. 2021.
- FERREIRA, R. A. **Ponto de Memória (Estrutural – DF) – III Conferência de Cultura do DF**. 03 maio 2011. [Vídeo, 1 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PvtZXTuF2SE&ab_channel=RafaelAyanFerreira. Acesso em: fev. 2021.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. Centauro, 2013.
- IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Ibram institucionaliza Programa Pontos de Memória**. 11 set. 2017. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/portaria-do-ibram-institucionaliza-o-programa-pontos-de-memoria/>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. **ComCiência**, Campinas, n. 100, 2008.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto dos Museus e da Conservação. **Kit de Recolha de Patrimônio Imaterial**. [s. l.], maio 2011.

MUF – MUSEU DE FAVELA. **Apresentação por Sidney Silva**. 2019. (Vídeo, 2 min). 1 ago. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HAuTmFjqD8>. Acesso em: jan. 2021.

MUF – MUSEU DE FAVELA. **Apresentação**. 2019b. [Vídeo, 1 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YReUotHVM4U&ab_channel=MuseudeFavelaMuf. Acesso em: jan. 2021.

MUSEU DA BEIRA DA LINHA DO COQUE. **Museu da Beira da Linha do Coque por dentro**. 10 maio 2015. [Vídeo, 19 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ibwVci7n3pE&t=1032s&ab_channel=MuseudaBeiradaLinhadoCoque. Acesso em: jan. 2021.

OEI – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. **Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social**. Brasília: Phábrica, 2016.

PEREIRA, M. R. N. Política pública de direito à memória: apontamentos sobre a trajetória do Programa Pontos de Memória. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 111-128, jan./jul. 2020.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D. P. (org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2008. p. 46-97.

PONTO DE MEMÓRIA DA TERRA FIRME. **Roda de memória**. [Vídeo, 35 min]. 4 mar. 2021a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BrknW_c3moI&ab_channel=PontodeMem%C3%B3riaTerraFirme. Acesso em: jan. 2021.

PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME. **Roda de conversa Pontos de Memória: História viva e cultura em movimento – MemorArte**. 1 dez. 2020. [Vídeo, 96 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k0Toyx4lApA&ab_channel=PontodeMem%C3%B3riaTerraFirme. Acesso em: jan. 2021.

PONTO DE MEMÓRIA TERRA FIRME. **Saberes dos Pontos de Memória**. YouTube. 5 mar. 2021b. [Vídeo, 70 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q1uWv023CQU&ab_channel=PontodeMem%C3%B3riaTerraFirme. Acesso em: jan. 2021.

SABER MUSEU. **Entrevista com Maria Abadia Teixeira: ponto de memória da estrutural – DF**. 18 dez. 2019. [Vídeo, 16 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t47sL_sADXc. Acesso em: jan. 2021.

TV CECAES. **Ponto de Memória em São Pedro, ES**. 24 maio 2010. [Vídeo, 3 min]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=67cz8GB4jYo&ab_channel=tvcecaes. Acesso em: jan. 2021.

Artigo submetido em: 21 set. 2022
Artigo aceito em: 09 mar. 2023